

Fé e Leitura: A Literatura Espírita e o Imaginário Religioso.

Autora - Profa. Dra. Eliane Moura Silva

Departamento de História.
Universidade Estadual de Campinas.

Na segunda metade do século XIX organizou-se um movimento espiritual, filosófico e científico centrado no contato sistemático e regular com os mortos, nas manifestações conscientes dos espíritos e nos ensinamentos transmitidos por eles, articulando estas práticas de necromancia com os princípios da ciência positiva, da filosofia secularizada, do materialismo político e racional.

Foi na França, a partir de 1858, que o movimento espírita ganhou sua feição mais organizada e integrada como doutrina em expansão, codificada, segundo as instruções espirituais ditadas pelos mortos, por um francês chamado *Hippolite Leon Denizard Rivail*, mais conhecido pelo pseudônimo de *Allan Kardec*.

O movimento espírita colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência espiritual após a morte, dos fenômenos sobrenaturais estudados do ponto de vista racional para transformar-se, anos depois, num movimento filosófico-religioso específico.⁽¹⁾

A teologia e a metafísica desenvolvidas pela doutrina espírita elaboraram uma nova relação entre o mundo dos vivos e o dos mortos: na interpretação espírita, os desencarnados não eram puros espíritos e sua presença constante, sentida e pressentida, podendo impressionar chapas fotográficas, marcar objetos e moldes em cera, erguer, transportar, materializar e desmaterializar objetos em compartimentos fechados ou apresentar-se numa identidade visível à semelhança do corpo de sua existência material.

As representações dos desencarnados em formas fluidas, diáfanas e etéreas formavam imagens românticas. Expressavam uma particularidade da época na qual materialidade e fluidez podiam ser representadas em associação com a energia e a luz elétrica. Esta era a magia dos espetáculos da féérica *Louie Fuller*, a bailarina dos teatros da *Belle Epoque* com seus espetáculos de dança em jogos de luz e sombras que lhe conferiam um aspecto mágico e sobrenatural.

Explorar a morte e mundo dos espíritos transformou-se numa maneira de abordar o insondável, de alcançar uma compreensão, uma comunhão com a Natureza Universal e Eterna, apoiada na Razão Científica e no empirismo do século XIX. Era também uma sensibilidade religiosa e uma mentalidade diante da morte indicativas da vontade de comunicar com os mortos, de não interromper os afetos, as relações, de minimizar as dolorosas separações causadas pela morte, a angústia diante da

finitude. O Espiritismo, portanto, foi um vasto sistema de conhecimento da sobrevivência e de práticas de comunicação com o Além, numa aliança entre religião e conhecimento científico.(2).

De um modo geral, o movimento espírita, incentivava o estudo, a aquisição de conhecimentos, o aprimoramento moral e intelectual, em suma, a transformação do Homem através da educação e da elevação espiritual. A doutrina desenvolvida pelo movimento espírita, particularmente na França, estava de acordo com as idéias triunfantes de progresso e da ética do trabalho, característicos da sociedade burguesa assim como dos princípios positivistas do Amor, da Ordem e do Progresso.

No espiritismo de tradição francesa kardequiana, matriz do espiritismo brasileiro desde a segunda metade do século XIX, o conceito de reencarnação e de *Karma* das tradições orientais e do neoplatonismo, foi renovado dentro do pensamento ocidental contemporâneo e reinterpretado em bases científicas.(3). Neste movimento é possível reconhecer o otimismo positivista e científico desta época, que reafirmou certezas racionais e o lado luminoso da sociedade, junto com o papel preponderante atribuído ao estudo e leitura.

A preocupação em organizar o movimento, divulgar a doutrina através de grupos de estudo levou a intenso movimento literário. A doutrina espírita foi codificada em livros e textos de natureza variada, sobretudo obras concebidas "psicograficamente", através de um médium que escreve mensagens, poesias, textos literários, provenientes da inteligência consciente de desencarnados. No Brasil, sobretudo após os anos 30, um intenso movimento literário espírita desta natureza implantou-se através de inúmeras editoras, voltadas para a divulgação do Espiritismo.

Ora, a natureza histórica do livro, entendido como instrumento material de comunicação de conteúdos diferenciados, um produto através do qual uma memória coletiva ou uma atitude inventiva se materializam num objeto, congelando o fluir do pensamento humano na imobilidade de um dado objetivo, nos leva a pensar na intrincada problemática da função cultural do texto escrito e do ato da leitura. No caso da literatura espírita, só podemos pensá-la no sentido moderno das técnicas de multiplicação dos textos e de novos agentes de difusão cultural à partir do Setecentos, sobretudo com o estabelecimento de uma nova relação entre quem lê e quem escreve através dos jornais e de empresas culturais-editoriais tais como as enciclopédias e a panfletária iluminística. Esta nova relação cultural conquistou um público leitor cada vez mais vasto, dando ao livro o sentido moderno.(4).

Os gêneros da literatura espírita podem ser analisados como representações culturais, mensagens simbólicas e modelos característicos da doutrina espírita e da história da difusão cultural de sua época resultante de um processo histórico iniciado séculos antes.(5). O ponto central desta forma de literatura é provar, legitimar, um projeto espiritual, uma concepção de mundo e valores do ponto de vista positivista, evolucionista, salvacionista, otimista e cristã.

Dentro destas características doutrinárias que marcam toda expressão literária espírita temos como pontos centrais a divulgação da teoria do *Karma* e da reencarnação como aspectos da evolução espiritual. Na realidade, durante o século XIX, um sentimento reencarnacionista, espiritualista e místico ganhava espaço:

Longfellow, Vitor Hugo, Shelley, Walt Whitman, Edgar Allan Poe, impregnaram suas obras, romances e poemas desta atmosfera. O cético *Anatole France* afirmou, em 1890 na *Revue Iustreé* que "... um certo conhecimento da Ciências Ocultas tornou-se necessário para a compreensão de certas obras literárias do período. A magia ocupou um lugar importante na imaginação de nossos poetas e romancistas. A fascinação pelo invisível se apoderou deles; a idéia do desconhecido os perseguiu e o tempo voltou a *Apuleio e Flegon de Tales*".[\(6\)](#).

Esta sensibilidade espiritualista teve no Espiritismo francês uma organização filosófica, científica e, posteriormente, religiosa. A doutrina das vidas sucessivas é ponto central deste movimento espiritual, assim como a noção de *Karma* como efeitos das ações pretéritas que determinarão a vida, a condição física, moral e espiritual em encarnações futuras. Dentro da concepção evolutiva e progressista da doutrina espírita, os ciclos sucessivos de reencarnação permitem o aprimoramento da alma para chegar a formas cada vez mais puras e espirituais. Estas existências sucessivas são, para o Espiritismo, provas da bondade divina, em sua feição consoladora e paternal, conforme uma justiça rigorosa, segundo a qual a cada um seria dada a medida exata de seus atos e também, possibilidade de arrependimento e esclarecimento espiritual. Não é uma questão de punição e sim formas de resgatar ações praticadas durante existências anteriores e sofrendo as consequências de suas ações anteriores.

É também o contato regular entre os mortos e vivos, o outro pilar da doutrina espírita. Para o Espiritismo, após a morte, a alma volta a ser espírito, retornando ao mundo espiritual levando lembranças, pensamentos, conhecimentos e o resultado de suas ações. Portanto, sobrevivem a personalidade e as qualidades das existências encarnadas, assim como os elos da existência material. Este é o substrato das mensagens literárias espíritas elaboradas através da psicografia, quando o espírito de um morto, através de um intermediário vivo, o médium, expressa suas mensagens, opiniões, ensinamentos e produz textos literários.

A literatura de natureza psicográfica é a marca do movimento espírita, embora também exista uma intensa produção de estudiosos e divulgadores da doutrina que escrevem, de maneira regular e constante, trabalhos de natureza filosófica, histórica e científica sobre a doutrina espírita.

Encontramos vários gêneros literários espíritas: biografias, literatura infanto-juvenil (os primeiros livros dedicados a este público no Brasil foram publicados entre 1881 e 1883), textos de natureza científica, filosófica e doutrinária, romances variados e, acentuadamente, os romances históricos.

Sem dúvida, o mais importante representante deste variado e prolífico movimento literário espírita é Francisco Candido Xavier (1910-) que em seu trabalho de psicografia já produziu os mais diferentes textos: poesia, contos, romances, trabalhos científicos e filosóficos, depoimentos e mensagens de pessoas falecidas. Suas obras, ditadas psicograficamente, servem para demonstrar que a morte não existe e reafirmar os valores da doutrina espírita.[\(7\)](#).

Dentro da extensa produção literária deste autor, vamos destacar alguns romances históricos reveladores deste imaginário religioso. São eles Há dois mil anos atrás, 50

anos depois, Paulo e Estevão e Ave Cristo. Nestes livros, o romance, a história e a religião estão reunidos, numa aliança entre a objetividade da apreensão do real histórico dos primeiros tempos do Cristianismo e as necessidades de divulgação da doutrina espírita, numa fusão entre o espiritual e o sentido histórico das experiências transcendentais da vida humana.

Os enredos estão encadeados no interior de uma trama, de um enredo cujo sentido é dado pela necessidade de aprimoramento espiritual, de aperfeiçoamento kármico, de resgate de ações e conscientização religiosa: somente no interior desta concepção filosófico-religioso os eventos deste romances históricos possuem seu sentido transcendental, conferem um sentido de real e objetivo as tramas e eventos narrados, bem como aos sujeitos e períodos históricos representados. Estes romances históricos espíritas procuram mobilizar emoções e sentimentos, desvendando os mistérios inerentes ao destino individual e aos acontecimentos históricos à partir da doutrina espírita, traçando com cores vivas e contornos variados, o sentido espiritual profundo da História e dos homens através dos tempos, desvendando forças desconhecidas e incontroláveis que comandam a vida.

O romance Há dois mil anos atrás ... (primeira edição em 1939) é ambientado em cerca de 50 a.C. Conta a história de Emanuel, o espírito que ditou o texto a Chico Xavier, em uma de suas encarnações como o senador romano *Publius Lentulus* e tem como pano de fundo o Cristianismo emergente. Neste romance estão as memórias de uma individualidade num passado remoto:

" *Que são dois milênios, Senhor, no relógio da Eternidade?*

(...). Sim, o tempo é o grande tesouro do homem e vinte séculos como vinte existências diversas, podem ser vinte dias de provas, de experiências e de lutas redentoras.

(...).

Diante de meus pobres olhos, desenha-se a velha Roma dos meus pesares e das minhas dolorosas quedas ... Sinto-me ainda envolto na miséria das minhas fraquezas e contemplo os monumentos das vaidades humanas ...

(...).

Ante minha alma surgem as reminiscências das construções elegantes das colinas célebres; vejo o Tibre que passa, recolhendo os detritos da grande Babilônia Imperial, os aquedutos de mármore preciosos, as termas que pareciam indestrutíveis ...

(...).

Bastou uma palavra tua, Senhor, para que os grandes senhores voltassem às margens do Tibre, como escravos misérrimos!... Perambulamos, assim, dentro da nossa noite, até o dia em que nova luz brotara em nossa consciência. Foi preciso que os séculos passassem para aprendermos as primeiras letras de tua ciência infinita, de perdão e de amor!

E aqui estamos, Jesus, para louvar-te a grandeza. (...)."

Em sequência, a história da vida do senador *Publius Lentulus* continua em outro romance, 50 anos depois, contando a sua reencarnação como o humilde escravo *Nestório* buscando nas "*lutas redentoras de mais uma existência encarnada*" o aperfeiçoamento espiritual contra sua natureza de romano orgulhoso:

" Emocionantíssimas e edificantes cenas, tendo por palco os tempos heróicos do Cristianismo nascente, fazem deste romance, sem favor algum, uma das obras-primas da literatura mediúnica".

Ave Cristo é ambientado no século III da era cristã, tendo como pano de fundo diversas cidades do decadente Império Romano e as perseguições ao Cristianismo, os mártires heróicos da fé cristã.

Repletos de lances dolorosos e dramáticos estes romances procuram, ao descrever as misérias do caráter humano tais como o orgulho, o egoísmo, a crueldade e a incompreensão, apontar o caminho da superação espiritual, através da fé, da humildade e dos ensinamentos oferecidos pelos espíritos esclarecidos e evoluídos. É a salvação espiritual e através da História, nas sucessivas reencarnações.

Estes romances, já clássicos da literatura espírita, apresentam modelos de romance históricos como literatura edificante: histórias com começo, meio e fim, personagens simples sem grandes complexidades psicológicas ou sociais, uma trama organizada que tem como objetivo final o esclarecimento espiritual, uma positividade de ensinamentos que procuram levar os leitores à compreensão dos mecanismos da existência e dos objetivos da vida encarnada, da trajetória humana sobre a Terra, em constante provações e sofrimentos, através dos quais se alcança o aprimoramento espiritual. Sintetizam também uma teoria kardecista da História, segundo a qual a História da Humanidade é a História da evolução espiritual coletiva e individual, da expansão do conhecimento, do entendimento e da prática das doutrinas espíritas, da intensa relação entre a dimensão terrena e as dimensões espirituais, invisíveis .

Um dos aspectos intrigantes da literatura espírita como corrente cultural é que a veracidade dos fatos, das mensagens espirituais não importa realmente. A sua popularidade e aceitabilidade revelam um o pouco das necessidades, impulsos e nostalgias da nossa sociedade.(8).

Pensar a história e a produção literária espírita significa estar despidido de preconceitos sobre a cultura, o gosto e determinados padrões de erudição e aceitar que existem modos diversos de organizar a fruição da cultura através de maneiras diferentes daquelas que "oficialmente" se convencionou como educativas e válidas. É aceitar, inclusive, que os homens possam experimentar um gênero de prazer nestas leituras, nas manifestações de originalidade que lhes são características: fascinam porque falam de um tempo passado; tem como produtor um ser imaterial (o espírito de um morto) que revela o poder do sagrado; transitam no território do imaginário religioso, sendo portadores de forte poder de comunicação através de valores altamente espiritualizados e simbólicos.

Sob este ponto de vista, é uma literatura redentora, científica e soteriológica, revelando um sentido e um destino da condição humana e da situação existencial. Propõe uma abertura grandiosa para um mundo sobrenatural, novos limites entre passado, presente e futuro, e possibilidades ilimitadas ao destino histórico individual e coletivo, numa visão otimista e atraente, conjugando ciência, História e espiritualidade, dando sentido ao cosmo e a vida.

Afinal, a literatura é a filha da Mitologia e herdeira de suas funções: contar aventuras e o que se passou de significativo no mundo. O poder da narrativa literária prolonga a história contada pelos mitos, explicando a origem do mundo, das coisas e do destino humano, o ser no mundo, construindo a sua própria estrutura temporal e criando os personagens de acordo com uma ordem imaginária.⁽⁹⁾ É assim que podemos ler e entender o valor cultural deste fenômeno literário.

(1) Ver Silva, Eliane M. **Vida e Morte: O Homem no Labirinto da Eternidade**, tese doutorado, UNICAMP, 1993, pp.159-92.

Brandon, R. **The Spiritualists: The Passion for the Occult in the XIX century**, NY, Knopy, 1983.

Oppenheim, J. **The Other World: Spiritualism and Psychical Research in England (1850/1914)**, Cambridge, Cambridge Press, 1989.

Machado, U. **Os Intelectuais e o Espiritismo: de Machado de Assis a Castro Alves**, RJ, Antares/INL, 1983.

(2) A reencarnação foi uma questão que dividiu o Espiritismo francês e brasileiro do espiritualismo de tradição anglo-saxã e germânica. Ver Doyle, A. C. **História do Espiritismo**, SP, Pensamento, 1981.

(3) Ariès, P. **O Homem Diante da Morte**, RJ, Francisco Alves, 1982, Vol 2, pp. 493-508.

(4) Nola, A. "Livro" in **Mytho/Logos;Sagrado/Profano**, Enciclopédia Einaudi, Vol. 12. Lisboa, Imprensa Nacional, 1986.

(5) Chartier, R. **A História Cultural entre práticas e representações**, Lisboa, DIFEL, 1990.

(6) Ver Mercier, A. **Les Sources Esotériques et Occultes de la Poésie Symboliste (1870/1914)**, Paris, Nizet, 1969.

Viatte, A. **Les Sources Occultes du Romantisme**, Paris, Champion, 1965.

Chinelatto, T. **O Paraespírito da Literatura**, SP, ECA/USP, 1991.

(7) Francisco Candido Xavier é considerado o maior autor (médiun) de obras espíritas. Vendeu aproximadamente 25 milhões de livros traduzidos em 22 idiomas e tem mais de 450 títulos publicados.

(8) Eliade, M. **Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais**, BH, Interlivros, 1979, pp.56-78.

[\(9\)](#) Eliade, M. **A Provação do Labirinto**, Lisboa, D. Quixote, pp. 123-5.